

Kafka em 90 minutos, de Paul Strathern

Rio de Janeiro: Zahar, 2009

Lições de Kafka, de Modesto Carone

São Paulo: Companhia das Letras, 2009

Maurício Pedro da Silva

Pós-Doutorado, Doutor em Letras Literatura Brasileira e Mestre em Letras Literatura Brasileira – USP; Professor de Língua Portuguesa e professor do PPGE – Uninove. São Paulo, SP – Brasil. maurisil@gmail.com

Embora a obra de Kafka tenha chegado ao Brasil tardiamente, muitas vezes por meio de questionáveis traduções indiretas, pode-se dizer que, atualmente, ele é um autor relativamente lido e estudado nos meios acadêmicos, sendo cada vez mais admirado também por um público leitor não especializado. Pelo menos duas publicações recentes sobre o famoso escritor tcheco vêm confirmar essa assertiva.

A primeira, um estudo bio-bibliográfico de Paul Strathern (*Kafka em 90 minutos*), em que o autor tece considerações gerais sobre a vida de Franz Kafka, com algumas incursões nas obras, as quais são superficialmente analisadas. Sobre *Amerika*, por exemplo, ressalta a presença de elementos freudianos na narrativa, com a observação de que “[...] *Amerika* é todo marcado por certa irregularidade, mas não há como deixar de perceber que, em meio às oscilações, emerge uma voz nitidamente original, de considerável capacidade imaginativa [...]” (p. 50); sobre *A metamorfose*, que considera sua obra-prima, destaca o *horror* presente no texto; e sobre *O processo*, ressalta os simbolismos e as parábolas do texto.

Uma das fraquezas do livro é a de o autor arriscar interpretações partindo de experiências

personais que Kafka teria tido em vida. Não é de agora que vincular, de modo absoluto, a produção literária à biografia de seu autor constitui uma das mais arriscadas tarefas da crítica, em geral resultando em análises frágeis e equivocadas. É exatamente esse apego à crítica de natureza biográfica que o leva a considerar *A metamorfose* “[...] a mais biográfica das fantasias [...]” (p. 53) de Kafka. Mesmo quando o autor parte da interpretação biográfica para a da estética, parece agir impulsionado por um impressionismo crítico que acaba dispensando – nessa lógica falaciosa – a fortuna crítica da literatura kafkaniana.

O segundo título, de maior fôlego e demonstrando mais competência analítico-crítica, é um conjunto de ensaios de Modesto Carone (*Lições de Kafka*). Composto por textos diversos, a maioria dos quais publicados anteriormente em periódicos acadêmicos e de divulgação, bem como apresentados em congressos e encontros afins, o livro procura analisar aspectos diversos da obra do autor tcheco, além de tecer largas considerações sobre a tarefa do tradutor de suas obras.

Analisando o romance *A metamorfose*, por exemplo, Carone destaca o fascínio causado no leitor

pelo efeito de choque que a narrativa provoca, com o contraste, desde o início, entre a linguagem cartorial e protocolar e o inverossímil da situação, até o desconforto causado pela falta de explicação da metamorfose do protagonista, que é imposta ao leitor de forma bruta e como algo definitivo. O mais impressionante, nesse sentido, é que o mundo imaginário coloca-se próximo (e dentro) do mundo real, descrito de forma naturalista e realista, sem que se possa distingui-los, como ocorre em outras célebres metamorfoses da literatura (por exemplo, na *Odisseia*). Tratando ainda do narrador nessa obra de Kafka, o autor lembra que, ao contrário do narrador tradicional, onisciente, em *A metamorfose* pouco se sabe sobre o desenrolar dos acontecimentos, fazendo com que ambos – narrador e leitor – sintam-se alienados e impotentes:

[...] é justamente essa estratégia artística que articula, no plano da construção formal, a consciência alienada do homem moderno, constringido a percorrer às cegas os caminhos de uma sociedade administrada de alto a baixo, onde os homens estão concretamente separados não só uns dos outros como também de si mesmos [...] (p. 17).

Ainda sobre a forma dessa narrativa, o autor lembra que ela surge invertida: em vez de chegar ao ápice, ela se inicia nele, uma inversão que também se verifica na condição do protagonista: de parasitado “pela” família, ele se metamorfoseia em parasita “da” família, além de outras metamorfoses sugeridas: do adequado para o inadequado, do semelhante para o diferente etc.

Carone analisa ainda algumas novelas de Kafka, como *A construção*, que se organiza em torno de um fio narrativo mínimo, tematizando o

vínculo de um ser com sua casa e com o mundo externo; ou *O veredito*, de extração autobiográfica e construída a partir do recurso expressionista da deformação da realidade. Analisa, ainda, alguns de seus contos, como sua “Pequena fábula” ou “Um médico rural”, este último revelando a importância do chamado “realismo kafkaniano”.

Mais atenção, contudo, é dada a dois de seus principais romances: *O castelo* e *O processo*. Ambos seriam romances incompletos e/ou compostos por capítulos de organização indefinida, mas constituindo-se, ao lado de *A metamorfose*, a tríade fundamental da produção kafkaniana.

Tratando de questões relacionadas ao estilo de Kafka, o autor afirma tratar-se de um discípulo da escrita de Flaubert, com sua narrativa enxuta e poética, sempre em busca da “palavra justa”. Ao lado do estilo, convém observar, segundo o autor, as questões relacionadas à sua linguagem em geral (o autor tcheco escrevia em alemão culto e burocrático) e à sua tradução em particular, finalizando com considerações acerca da recepção da ficção kafkaniana no Brasil.

Para o autor, concluindo,

[...] sua ficção – seja como for nem um pouco lírica – tem como alvo fazer o leitor contemporâneo, alienado de si mesmo e da realidade que o cerca, ficar mareado em terra firme, infligindo-lhe angústia e sofrimento, como um machado que golpeia sem parar o mar congelado que existe em cada um de nós [...] (p. 80).

Com essas duas publicações – a segunda mais recomendável do que a primeira – o universo kafkaniano torna-se, seguramente, um pouco menos inacessível ao leitor brasileiro e um pouco mais próximo de seus admiradores.